



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Al Jazeera**

**Londres-Inglaterra, 1º de junho de 2007**

**Jornalista:** Senhor Presidente, uma pergunta essencial: Como é que o Brasil continua a produzir tão fantásticos jogadores de futebol?

**Presidente:** Eu acredito que o Brasil continua produzindo ainda o melhor futebol do mundo. Sobretudo porque agora viramos grandes exportadores de jogadores com a globalização. Eu penso que é um pouco da miscigenação da raça brasileira, a mistura de portugueses, europeus, índios e negros, que permitiu que nós fôssemos esse povo com uma ginga extraordinária para o samba e para o futebol.

**Jornalista:** Voltando a 2003, quando Goldman Sachs colocou o Brasil, a Rússia, a Índia e a China juntos, como os países que dominariam a economia mundial até 2050 – chamados por alguns de o grupo do BRIC – o senhor acha que o seu país está de algum modo movendo-se lentamente atrás dos outros quatro?

**Presidente:** Não. Eu acredito que é importante compreender a realidade de cada país. O Brasil foi um país que teve muitas chances, nunca aproveitou, porque as pessoas tentavam fazer mágica da política econômica. Nós resolvemos dar seriedade à elaboração da política econômica brasileira. Primeiro, construir uma política de credibilidade interna e externa; segundo, controlar a inflação; e terceiro, fazer o País crescer. E é exatamente isso que está acontecendo no Brasil. Hoje o Brasil vive o melhor momento econômico da sua história. Portanto, o Brasil tem tudo para se transformar numa grande



economia até antes de 2050.

**Jornalista:** O senhor diria que a desigualdade de renda tem sido ou é o seu maior problema, seu maior desafio?

**Presidente:** Um dos grandes problemas brasileiros é que durante o século passado, durante 50 anos, o Brasil foi a economia que mais cresceu no mundo. Entretanto, não se fez distribuição de renda. Nós agora precisamos recuperar o estoque de pobres que nós herdamos e não permitir que a futura geração seja tão pobre quanto a geração que nós herdamos. Por isso, nós precisamos combinar o crescimento econômico com uma forte política de distribuição de renda, e é isto que estamos fazendo no Brasil.

**Jornalista:** No que diz respeito à recente visita do presidente Bush ao Brasil - e a toda a América Latina – houve uma série de demonstrações hostis. O senhor acha que os Estados Unidos têm muito trabalho a realizar para recuperar de volta a América Latina?

**Presidente:** Eu acredito que historicamente os Estados Unidos tiveram uma política equivocada para a América Latina e isso permitiu que em vários países da América Latina houvesse uma coisa antiamericana. Costuma-se dizer que a pobreza da América Latina se deve aos Estados Unidos. Eu penso que foi um erro da política americana não olhar com carinho para a América Latina e para a América do Sul. Mas eu aprendi, há muito tempo, que os Estados Unidos são um parceiro estratégico do Brasil e são, individualmente, o maior parceiro comercial do Brasil. Portanto, o Brasil tem que manter uma política amistosa com os Estados Unidos como tem que manter uma política amistosa com todos os países do mundo. Eu acho que o atraso da América Latina e o atraso do meu País não se devem apenas aos americanos, se devem também à nossa



elite política que durante muito tempo foi subordinada e durante muito tempo não fez o que deveria fazer para acabar com a pobreza no nosso país. Se os Estados Unidos tiverem uma política correta de ajudar a desenvolver os países da América Latina, certamente esse antiamericanismo termina ou pelo menos diminui muito.

**Jornalista:** Quais são as políticas equivocadas a que o senhor se referiu? Que políticas eles precisam mudar?

**Presidente:** Por exemplo, os golpes militares, que aconteceram em toda a América Latina, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil, apenas para dar alguns exemplos, tiveram uma participação muito grande da política externa americana. Segundo, nunca houve uma política americana para contribuir com o desenvolvimento dos países mais pobres da América Latina. Por isso o povo da América Latina tem uma visão, eu diria, antagônica ao governo americano. Depois, a imagem dos EUA na Guerra do Vietnã, na Guerra do Iraque, na Bacia dos Porcos, em Cuba, ou seja, há uma série de intervenções americanas no continente que depõe contra os próprios americanos.

**Jornalista:** Certamente o presidente Bush e o presidente Chávez são pessoas realmente muito diferentes. Mas o senhor tem boas relações com ambos, não tem? O senhor acha que pode servir de ponte entre eles?

**Presidente:** Eu acredito que entre o presidente Bush e o presidente Chávez é quase impossível construir uma nova relação. Mas não descarto uma boa relação dos EUA com a Venezuela, e da Venezuela com os EUA, com um outro presidente da República. Acho muito engraçada a briga do presidente Chávez com o Bush, porque os EUA precisam do petróleo da Venezuela, e a Venezuela precisa vender petróleo para os EUA. Então, é uma briga que



muitas vezes eu não consigo entender. Entretanto, eu penso que, durante muitos anos, a política da própria Venezuela foi muito subordinada à política americana, sobretudo na questão do petróleo. E é contra isso que o presidente Chávez se insurge e também porque o presidente Chávez tem em conta que foram os americanos que tentaram derrubá-lo. Mas eu acredito que, com um outro presidente, a boa relação entre os EUA e a Venezuela pode ser recuperada. Para o Brasil, são dois países amigos, e o que nós queremos é que eles vivam em paz e, sobretudo, que os dois vivam em paz com o Brasil.

**Jornalista:** No que diz respeito ao relacionamento com o presidente Chávez, ele é o tipo de homem que o senhor pode criticar ou ele pode criticá-lo? Isso é bom para o relacionamento? Ou ele não é esse tipo de pessoa?

**Presidente:** Eu tenho uma relação não apenas de chefe de Estado com o Chávez, eu tenho uma relação de amizade, de companheirismo. O Chávez é um companheiro que tem uma relação extraordinária comigo, pessoalmente, e com o Brasil. O Brasil tem interesse na Venezuela, o Chávez tem interesse no Brasil, nós temos parcerias, estamos construindo uma refinaria, como sócios. Tem muito investimento do Brasil na Venezuela, e eu acho que essa amizade vai continuar e esse trabalho dos dois países vai continuar. Eu tenho confiança no presidente Chávez, tenho certeza de que ele tem confiança em mim, e quando tem alguma divergência, falamos abertamente, não tem segredo entre Chávez e mim, nós discutimos as coisas abertamente. Quando não temos concordância, eu fico com o meu ponto de vista e ele fica com o ponto de vista dele. Mas não existem entre nós meias palavras.

**Jornalista:** Um exemplo disso, eu suponho, seria o etanol e os biocombustíveis, dos quais vocês brasileiros são grandes produtores e sobre os quais os presidentes Chávez e Fidel Castro não têm tanto apreço. O senhor



pensa que eles estão errados sobre isso?

**Presidente:** Eu participei de um encontro de política energética em Isla Margarita, na Venezuela, e não houve a discordância que eu acompanhei pela imprensa brasileira e pela imprensa internacional. O que há de fato é que o Chávez preside um país que tem muito petróleo, portanto o biocombustível para ele não tem o mesmo peso que tem para o Brasil. Segundo, o Chávez é um comprador de etanol do Brasil, portanto, nós temos muita clareza de que cada país tem soberania para decidir a sua matriz energética, e o Brasil não abre mão disso. Embora sejamos auto-suficientes em petróleo, os biocombustíveis contribuem para a despoluição do Planeta, contribuem com geração de emprego e são a possibilidade do continente africano no século 21 ser menos pobre do que foi no século 20. Eu sonho com os países ricos comprando biocombustíveis e comprando etanol dos países africanos. Tudo o que eu quero é gerar riqueza, gerar emprego e distribuir renda.

**Jornalista:** Já que estamos falando do comércio mundial, o senhor acha que há alguma chance de um acordo sobre as negociações que têm se arrastado por um ano ou mais? O “fast track” que o presidente Bush tem nos EUA acaba em 30 de junho. O senhor acha que existe alguma esperança para um acordo antes de 30 de junho?

**Presidente:** Eu tenho esperança. Primeiro, porque eu sinto disposição nos líderes europeus, sinto disposição nos americanos, e sinto disposição no G20. De dezembro pra cá, eu liguei mais de duas vezes para os principais líderes do mundo, tentando mostrar que a Rodada de Doha é uma decisão política, não é mais econômica. Os europeus terão que flexibilizar a entrada de produtos agrícolas dos países pobres nos seus países, os EUA precisam reduzir o subsídio, e os países do G20, do qual o Brasil faz parte, precisam flexibilizar



nos produtos industriais e no setor de serviço. Se não houver acordo, na minha opinião pessoal, será um ato de covardia política dos dirigentes do mundo inteiro. Porque, se não houver acordo, depois não reclamem de terrorismo e nem de que a paz corre perigo. O momento é agora e a hora é agora de fazermos um acordo e permitir que os países mais pobres do mundo tenham uma chance de se desenvolver.

**Jornalista:** Existe uma política digna de nota que o senhor acaba de anunciar, para que as pílulas anticoncepcionais sejam subsidiadas. O senhor anunciou um programa na segunda-feira. Obviamente que o Brasil é o maior país católico do mundo, mas, ao levar adiante essa idéia, o senhor acha que será popular? Haveria número maior de católicos que apóia o controle da natalidade do que os líderes da Igreja Católica admitem?

**Presidente:** A política que nós anunciamos de planejamento familiar é uma política que teve praticamente a adesão de muita gente da sociedade, dos partidos políticos e de muita gente do Congresso Nacional. Do que nós queremos cuidar? Primeiro, nós queremos que as mulheres tenham acesso às pílulas para se protegerem de uma gravidez indesejada. Segundo, nós estamos oferecendo, pela rede pública brasileira, a possibilidade dos homens fazerem vasectomia quando quiserem fazer. Terceiro, estamos oferecendo tabletes de pílulas para as mulheres em farmácias populares a um custo de 90% do preço de mercado. Ao mesmo tempo, uma forte propaganda educacional, porque a classe média já aprendeu a planejar sua família. Uma pessoa de classe média tem no máximo um filho, dois filhos, quando chega a três já é demais. Um número grande de crianças está com as famílias mais pobres. Então, o que nós queremos? Dar a elas a oportunidade de, através de um processo de educação e de oferta de acesso a medicamentos que possam ajudar a não ter filhos, planejar sua família. É uma política que, eu acredito,



terá o apoio da grande maioria da sociedade brasileira. Nós estamos querendo cuidar da vida das pessoas mais pobres do nosso País.

**Jornalista:** Na cidade do México, eles têm um programa de incentivo ou subsídio ao aborto. O aborto faz parte do planejamento familiar ou não?

**Presidente:** Não, eu sou contra o aborto. Entretanto, nós queremos tratar de uma gravidez precoce ou indesejada de uma família pobre como se fosse uma questão de saúde pública. O Estado não pode negar o atendimento a uma jovem que teve uma gravidez indesejada e que não quer ter um filho. Os ricos sabem como se virar, e os pobres, muitas vezes, se matam tentando abortar. Por isso eu tenho uma posição dupla, uma como ser humano, como pai, e como cristão, e outra como chefe de Estado. Como homem eu sou contra, como chefe de Estado eu tenho que cuidar das pessoas que têm problemas.